

## O PODER DA PALAVRA NA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: ESPACIALIZAÇÃO DA CULTURA MARGINAL/PERIFÉRICA EM SÃO PAULO E POTENCIALIDADES NA LUTA ANTIRRACISTA

Ana Carolina dos Santos Marques<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a espacialização da cultura marginal/periférica na cidade de São Paulo (SP) e discutir a potencialidade da palavra (poesias e raps) na luta antirracista. A cultura marginal/periférica é um conjunto de manifestações produzidas por pessoas das camadas populares e que residem em bairros periféricos, sobretudo, jovens negras/os. Neste texto consideramos as batalhas de rima, os slams e os saraus, que possuem a palavra como elemento principal e que permitem que jovens periféricos/os se expressem, se afirmem, sociabilizem e reflitam sobre suas posições sociais e geográficas. Os procedimentos metodológicos consistiram em fichamento bibliográfico, trabalhos de campo em eventos da cultura marginal/periférica em São Paulo, levantamento dos coletivos culturais por meio das redes sociais *Instagram* e *Facebook*, produção de mapas no software QGis, e seleção e interpretação de poesia que vers sobre a questão racial. A espacialização permite compreender a apropriação do espaço urbano realizada pelas pessoas periféricas e as dinâmicas socioespaciais desencadeadas a partir de suas práticas espaciais. Com base nos resultados, se constatou que a cultura marginal/periférica está presente em todas as zonas geográficas de São Paulo e em cerca de 56% dos distritos, constituindo um circuito espacial e cultural, organizado em uma lógica reticular.

**Palavras-chave:** Cultura marginal/periférica; luta antirracista; práticas espaciais; periferia; São Paulo.

### Abstract

The aim of this article is to present the spatialization of marginal/peripheral culture in the city of São Paulo (SP) and discuss the potential of the word (poetry and raps) in the anti-racist struggle. Marginal/peripheral culture is a set of manifestations produced by people from the lower classes who live in peripheral neighborhoods, especially young black. In this text we consider rhyme battles, slams and soirees, which have the word as their main element and which allow young peripheral people to express themselves, affirm themselves, socialize and reflect on their social and geographical positions. The methodological procedures consisted of bibliographic fiching, fieldwork at events of marginal/peripheral culture in São Paulo, a survey of cultural collectives through the social networks Instagram and Facebook, the production of maps in QGis software, and the selection and interpretation of poetry that deals with the issue of race. Spatialization makes it possible to understand the appropriation of urban space by peripheral people and the socio-spatial dynamics triggered by their spatial practices. Based on the results, it was found that marginal/peripheral culture is present in all of São Paulo's geographical zones and in around 56% of the districts, forming a spatial and cultural circuit, organized in a reticular logic.

**Keywords:** Marginal/peripheral culture; anti-racist struggle; spatial practices; periphery; São Paulo.

## INTRODUÇÃO

A cultura marginal/periférica é um conjunto de manifestações produzidas por pessoas das camadas populares e que residem em bairros periféricos. Os termos “marginal” e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Presidente Prudente, São Paulo. E-mail: ana-carolina.marques@unesp.br.

“periférica” dizem respeito a posições sociais e geográficas. Esse tipo de cultura iniciou em São Paulo na década de 1990, inicialmente com o Hip Hop, e se expandiu para o Brasil. A metrópole permanece como referência na cultura marginal/periférica, possuindo uma cena ampla e diversificada.

A cultura marginal/periférica possibilita que pessoas marginalizadas, sobretudo negras, se expressem cultural e artisticamente. Tratam-se de pessoas periféricas, que foram historicamente silenciadas pela estrutura de poder dominante e desigual, e que encontram nessa cultura a oportunidade de se apropriarem da palavra e se tornaram escritoras e produtoras culturais.

Nesse sentido, o objetivo deste texto é apresentar a espacialização da cultura marginal/periférica na cidade de São Paulo (SP) e discutir a potencialidade da palavra (poesias e raps) na luta antirracista. As manifestações que consideramos integrarem a cultura marginal/periférica são as batalhas de rima, os slams e os saraus, as quais possuem a palavra como elemento central, ela representa a possibilidade de expressão, reflexão, afirmação, denúncia aos contextos de discriminação e formação de redes de sociabilidade.

A juventude periférica é o público predominante dos eventos da cultura marginal/periférica. Em uma metrópole de contrastes como São Paulo, tal cultura motiva deslocamentos da juventude pelo espaço urbano em busca de lazer, mas para além disso, sociabilidade a afirmação identitária. Daí que a cultura marginal/periférica questiona as barreiras socioespaciais impostas às pessoas periféricas.

Protagonizada por pessoas negras, considero que a cultura marginal/periférica apresenta potencialidades na luta antirracista, uma vez que nos raps e poesias há a discussão do contexto racial brasileiro, denunciando as discriminações sofridas por pessoas negras. Também são pautados temas como periferia, gênero, sexualidade, política e amor.

O artigo está estruturado em introdução; metodologia; apresentação da cultura marginal/periférica; debate acerca da juventude negra enquanto produtora cultural; discussão da espacialização da cultura marginal/periférica em São Paulo; abordagem das potencialidades da palavra na luta antirracista, por meio de poesia que versa a respeito da questão racial no Brasil; e considerações finais.

Para a população negra, a cultura marginal/periférica se apresenta como forma de ser ouvida. Em meio a séculos de silenciamento, é por meio da palavra que a juventude negra pode aprender, questionar e refletir acerca de sua posicionalidade. Os coletivos culturais podem ser interpretados como ações antirracistas. Nesse sentido, a espacialização das

manifestações proporciona compreender a apropriação do espaço urbano e as dinâmicas socioespaciais desencadeadas.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos consistiram em levantamento e fichamento bibliográfico de produções que discutem temas como cultura marginal/periférica, juventudes, racialidade, periferia e espaço geográfico.

Trabalhos de campo foram realizados, desde 2022, em eventos da cultura marginal/periférica de São Paulo, possibilitando conhecer o circuito cultural paulistana, a organização do espaço urbano da metrópole e as/os artistas que integram os coletivos. Dentre os eventos de coletivos que foram frequentados, estão: Sarau da Cooperifa, Sarau do Capão, Sarau das Pretas, Sarau das Mina, Batalha da Aldeia, Batalha Dominação, Batalha da Zil, Slam das Minas e Slam Resistência.

Para a produção do mapa de espacialização da cultura marginal/periférica, foram realizadas buscas nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, acerca dos coletivos culturais que existem na cidade de São Paulo. Em virtude de trabalhos de campo em algumas manifestações, partiu-se das redes sociais desses coletivos conhecidos para a identificação de outros grupos.

Devido à instabilidade que muitos coletivos juvenis encontram para manter suas atividades, tais como falta de orçamento, dificuldade na apropriação de espaços públicos e conciliação entre trabalho e arte (para aquelas pessoas que não conseguem obter seu sustento somente por meio do trabalho com a arte), foi necessário estabelecer um critério para tabular os coletivos. Assim, foram considerados os coletivos que realizaram edições em junho de 2023. Informações como nome, endereço e redes sociais foram tabuladas no banco de dados. Os mapas de espacialização foram elaborados no software QGis.

O critério para seleção da poesia interpretada foi a presença da discussão racial. O vídeo da performance da poesia “Histórias” de Matriarcak, foi acessado no Youtube e a produção foi transcrita.

## **CULTURA MARGINAL/PERIFÉRICA: PRODUÇÃO DE ARTE E CONHECIMENTOS NAS PERIFERIAS EMPOBRECIDAS**

São Paulo é uma metrópole brasileira, dividida em 96 distritos e permeada por contrastes sociais, econômicos, políticos, culturais e espaciais. Desde a década de 1930 a cidade passou a sofrer modificações rumo à metropolização: urbanização significativa, industrialização, modernização, expansão do mercado consumidor e complexificação da estrutura social, aspectos que foram acompanhados pela distribuição desigual de renda, supressão da participação política popular, problemas ambientais urbanos, exclusão social e segregação socioespacial (CALDEIRA, 2000; SPOSATI, 2001). As gestões municipais realizaram uma série de reformas urbanas que sempre privilegiaram as classes médias altas, consolidando as desigualdades sociais que também são raciais (ALVES, 2011).

Em um espaço urbano marcado por processos como diferenciação socioespacial, segregação socioespacial e fragmentação socioespacial, as áreas periféricas empobrecidas são marcadas pela exclusão social. A produção cultural representa, para as pessoas moradoras dessas áreas, lazer, educação, expressão, sociabilidade e engajamento social. Opondo-se à “cultura de centro”, aquela disseminada nos espaços centrais e de prestígio, a cultura da periferia incorpora as vivências das pessoas socialmente marginalizadas e ressignifica a ideia de periferia associada à violência e criminalidade e disseminada no imaginário social comum.

Segundo Nascimento (2011), a cultura marginal/periférica pode ser entendida como um conjunto de manifestações culturais produzidas por pessoas das camadas populares e que residem em bairros periféricos, trata-se dos movimentos artísticos culturais protagonizados pelas/os periféricas/os: “[...] a cultura da periferia seria, então, a junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas dos membros das classes populares situados nos bairros tidos como periféricos (NASCIMENTO, 2011, p. 13).

A cultura marginal/periférica tem um sentido amplo e abrange mais de uma manifestação cultural, os elementos em comum entre elas é a palavra como central e a valorização da periferia enquanto espaço de produção de arte e conhecimento. Entendo que a cultura Hip Hop (especificamente, as batalhas de rima) e literatura marginal (slams e saraus) constituem a cultura marginal/periférica. Inclusive, os termos marginal e periférica dizem respeito a posições sociais e geográficas.

A cultura Hip Hop marca o início da movimentação cultural e juvenil, de forma afirmativa, nas periferias. Criada no distrito do Bronx em Nova Iorque, no final dos anos de

1970 e início de 1980, essa cultura reúne cinco elementos: break, grafite, DJ, MC e conhecimento. No final dos anos de 1980 e início de 1990, o Hip Hop chegou ao Brasil e ganhou adeptas/os nas periferias empobrecidas, sobretudo na figura dos Racionais MCs. Tratavam-se de jovens periféricas/os, negras/os e empobrecidas/os que passaram a utilizar o Hip Hop como forma de expressão e lazer, denunciando os contextos de desigualdades presentes nas áreas periféricas e exaltando a comunidade que vivia nesses locais. Segundo D’Andrea (2022) a cultura Hip Hop possibilitou a criação de uma identidade periférica, que uniu as pessoas em busca de superar aquela condição por meio da arte e organização política e cultural. Atualmente, a principal forma de expressão do Hip Hop em São Paulo é a batalha de rima, competição de raps que consiste em rimar contra adversárias/os.

O movimento da literatura marginal foi iniciado no fim da década de 1990 e se consolidou nos anos 2000, composto por um grupo de escritoras/es periféricas/os e marginalizadas/os cultural e socialmente. De acordo com Dalcastagnè (2012), havia uma homogeneidade do campo literário brasileiro, em termos de gênero, raça e classe, e a literatura marginal proporciona que pessoas consideradas “comuns”, não privilegiadas e com profissões diversas, se expressem e tensionem o que é considerado literário ou não.

O primeiro marco da literatura marginal e que atribui essa classificação às obras literárias periféricas, foi a obra *Capão Pecado* de Ferréz, lançada em 2001. Posteriormente, foram lançadas três edições da revista *Caros Amigos/Literatura Marginal* (2001, 2002 e 2004), sob organização de Ferréz; e foram criados os primeiros saraus periféricos, *Cooperifa* (2001) e *Binho* (2004) (Nascimento, 2005). Em 2008, os slams chegaram ao Brasil. Esse conjunto de marcos culturais e sociais tiveram como lócus as periferias empobrecidas de São Paulo, com ênfase na zona sul, onde o movimento começou e se propagou. Em suma, o movimento cresceu às margens do circuito de produção e consumo cultural.

Os saraus são reuniões culturais em reúnem expressões artísticas como música, teatro, dança e poesia, são anteriores à cultura marginal/periférica no Brasil. Conforme Tennina (2013), eram realizados saraus no início do século XIX na Europa e em meados do mesmo século no Brasil, eles concentravam artistas, políticas/os e representantes da sociedade aristocrática e da intelectualidade que estavam em busca de arte, mas sobretudo de status social. Ao longo dos anos, as reuniões foram deixando de acontecer e no início do século XXI a ideia foi retomada pelas/os artistas periféricas/os, que se apropriaram da arte como a palavra de ordem central e criaram os saraus periféricos.



O slam ou poetry slam é uma competição de poesia falada. Foi criada em Chicago (Estados Unidos) no ano de 1986 por Marc Smith, um trabalhador da construção civil e também poeta. Após identificar o desinteresse manifestado pelas pessoas em declamações poéticas tradicionais e objetivando extrapolar os espaços elitizados e acadêmicos em que os eventos aconteciam, Smith uniu competição, recital e performance para dinamizar os eventos, resultando no Poetry Slam (Somers-Willet, 2009; Bortolozzo, 2021). A prática chegou ao Brasil em 2008, por meio de Roberta Estrela D’Alva com a criação do ZAP! Slam – Zona Autônoma da Palavra. Há três regras obrigatórias no slam: as poesias devem ser autorais; cada poeta tem até três minutos para recitar suas poesias; e não é permitido a utilização de figurinos ou objetos durante as performances (D’Alva, 2014).

Batalhas de rima, saraus e slams possuem a palavra como elemento principal e ressignificam o “ser periférica/o”. Tal cultura marginal/periférica posiciona as pessoas social, econômica e politicamente, incentivando o engajamento juvenil na produção cultural e se apresentando também como uma forma de lazer e sociabilidade. Por meio dessa cultura, as pessoas podem criar uma consciência periférica que, segundo D’Andrea (2022), consiste em passar a ter meios de reivindicação de uma identidade e pertencimento a posição urbana da periferia. Desse modo, as pessoas que integram os coletivos culturais se tornam sujeitas periféricas e incentivam outras pessoas a se reconhecerem enquanto tais, positivando a posição de marginalidade e reconhecendo as potencialidades de ser periférica/o, em termos de produção artística e cultural (D’Andrea, 2022).

A cultura marginal/periférica reúne diversidade de público em termos de idade, raça, gênero e sexualidade, contudo há uma predominância de jovens e pessoas negras. Nesse sentido, destaco sua importância para afirmação da juventude negra e seu potencial na luta antirracista.

## **A JUVENTUDE NEGRA COMO PRODUTORA CULTURAL**

Refletir acerca da cultura marginal/periférica nos leva a pensar nas/os sujeitas/os que atuam como artistas e produtoras/es culturais dos coletivos e eventos. Entendendo-a como uma cultura produzida nas e pelas periferias empobrecidas e, no caso desse texto, no contexto de São Paulo, a maior parte de suas/seus adeptas/os são jovens negras/os.

A juventude é uma condição social e um momento na trajetória biográfica das/os sujeitas/os (Dayrell, 2003), relacionada à variável biológica da idade, mas também marcada

pela variável social determinada por contextos espaciais e temporais. Dentre os elementos comuns a tal condição social, há a construção de redes de sociabilidade, o agrupamento em tempos de lazer e a propensão a aderir a culturas juvenis (Turra Neto, 2008).

A juventude negra, ainda que plural, é atravessada por elementos comuns, o principal deles é o racismo, que impacta diretamente nas experiências do ser jovem. Devido às desigualdades raciais que são transmitidas geracionalmente, a juventude negra, sobretudo periférica, luta pela sobrevivência cotidiana e não dispõe de oportunidades que são defendidas pelo conceito moderno de juventude, tal como a moratória social, que segundo Margulis e Urresti (1996) é a possibilidade de suspender as responsabilidades e vivenciar a juventude em sua plenitude.

Os cursos de juvenilização de pessoas negras, assim como suas espacialidades são atravessados e limitados pelo racismo estrutural brasileiro (Almeida, 2018). De acordo com Oliveira (2015) há um controle permanente da espacialidade negra. Tal população é entendida enquanto um problema espacial (Oliveira, 2020), em que três “soluções” são propostas: a primeira é interditar, confinar, impor mais obstáculos e constranger a apropriação e uso do espaço; a segunda é tornar-se branca/o e negar a si e sua coletividade; e a terceira é o extermínio físico, ou seja, o assassinato. Faz-se urgente debater o genocídio da juventude negra no Brasil e pensar em estratégias de luta antirracista.

A cultura marginal/periférica se apresenta à juventude negra como uma possibilidade de quebra dos ciclos de exclusão e vulnerabilidade. A arte pode se tornar fonte de sobrevivência, embora haja inúmeros entraves do ponto de vista da valorização da arte periférica e do incentivo à cultura no Brasil, ou ainda forma de expressão e afirmação, uma vez que a população negra é, historicamente, silenciada e invisibilizada. A juventude negra tem a oportunidade de se apresentar enquanto artistas e produtoras/es de cultura, conhecimento e arte, rompendo com os estereótipos que atingem tanto as pessoas negras quanto as pessoas jovens.

O caráter educativo e reflexivo da cultura marginal/periférica também contribui para o letramento racial e social das pessoas negras, assim como da sociedade como um todo. Os conteúdos das rimas, raps e poesias, geralmente, refletem a respeito de temas sociais contemporâneos, como racismo, gênero, sexualidade e desigualdade social. Paralelamente, a juventude negra que escreve tais conteúdos, contribui para as reflexões críticas de outras pessoas, expressando com propriedade temas relacionados à suas vivências periféricas e marginalizadas.



São Paulo é uma metrópole marcada por uma organização racial e excludente do espaço urbano (Alves, 2011). Segundo o Mapa da Desigualdade de 2021 produzido pela Rede Nossa São Paulo (Rede, 2021), enquanto 37,1% da população paulistana se autodeclara negra (preta ou parda), há distritos que possuem mais da metade de sua população autodeclarada negra, sendo eles em áreas periféricas empobrecidas, tais como: Jardim Ângela (60,1%), Grajaú (56,8%), Parelheiros (56,6%), Lajeado (56,2%), Cidade Tiradentes (56,1%), Itaim Paulista (54,8%), Jardim Helena (54,7%), Capão Redondo (53,9%), Pedreira (52,4%), Guaianases (51,5%), Jardim São Luís (51,3%), Vila Curuçá (51,2%), Iguatemi (50,9%), Brasilândia (50,6%), Anhanguera (50,3%) e Cidade Ademar (50%) (Borges, 2022). A população jovem também é maior nas áreas periféricas empobrecidas da cidade.

Nesse sentido, a juventude negra é condicionada a vivenciar contextos de desigualdade socioeconômica e racial em São Paulo. A cultura marginal/periférica se apresenta como forma de ser ouvida e transpor as barreiras espaciais que são impostas, realizando deslocamentos em virtude da arte e da cultura, ainda que tais espacialidades não sejam instituídas de forma harmônica, mas sim com base enfrentamentos e negociações constantes contra as necropolíticas (Mbembe, 2011).

## **A ESPACIALIZAÇÃO DA CULTURA MARGINAL/PERIFÉRICA EM SÃO PAULO**

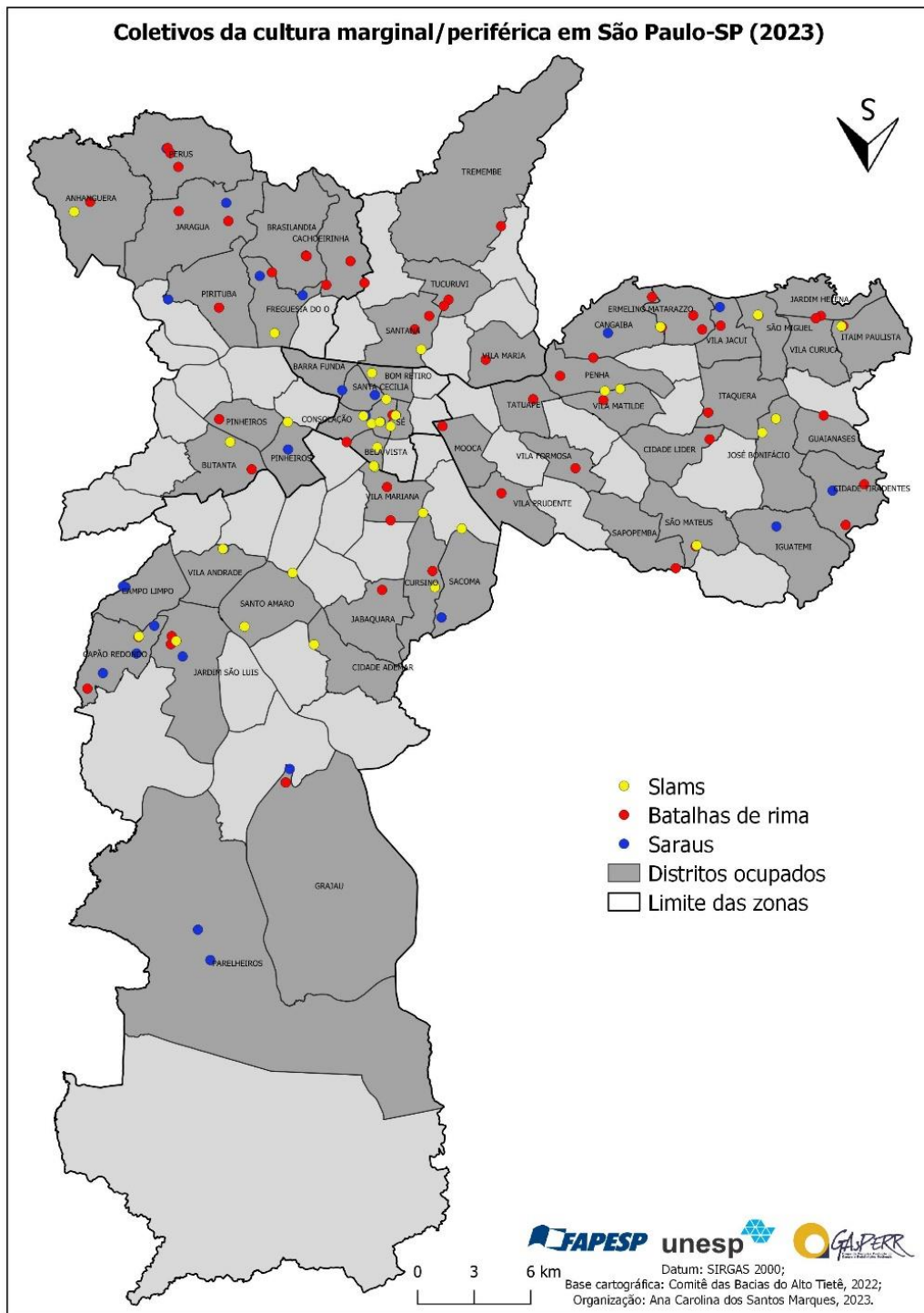
A cultura marginal/periférica está espacializada por todas as zonas geográficas do espaço urbano paulistano. Não há uma uniformidade na espacialização, mas os coletivos estão presentes em 54 distritos, ou seja, em cerca de 56% do total de distritos.

Em junho de 2023, havia 116 coletivos da cultura marginal/periférica realizando atividades na cidade de São Paulo, dos quais: 57 eram batalhas de rima; 32 slams; e 27 saraus. O Mapa 1 apresenta a espacialização.





**Mapa 1:** Espacialização da cultura marginal/periférica em São Paulo (SP) – 2023

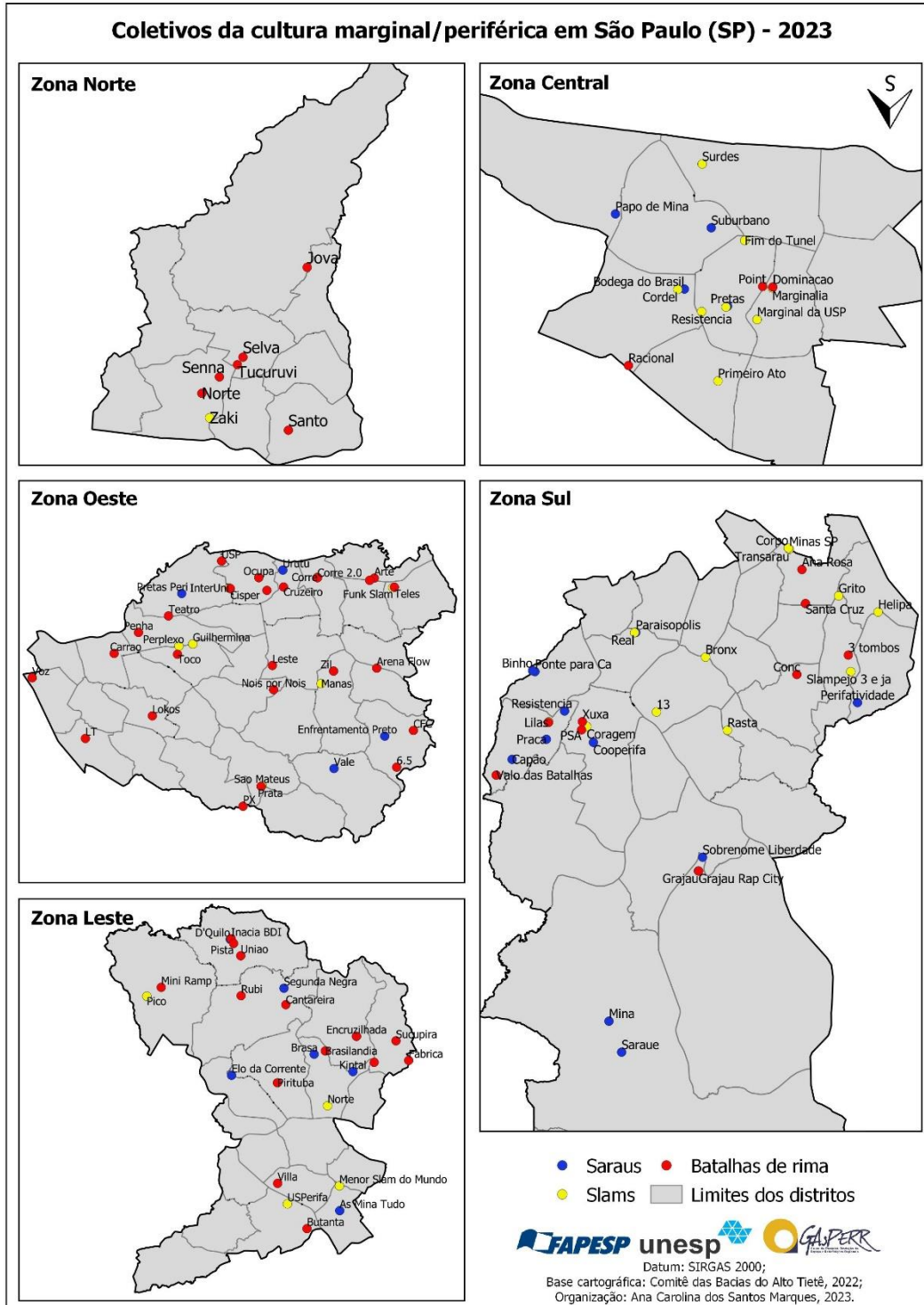


Organização: a autora, 2023.

A distribuição dos coletivos pelas zonas geográficas consistia em: 36 na zona leste, 33 na zona sul, 25 na zona leste, 15 no centro e sete na zona norte, conforme apresentado no Mapa 2.



**Mapa 2:** Espacialização da cultura marginal/periférica em São Paulo (SP) – 2023, conforme as zonas geográficas



Organização: a autora, 2023.

Há uma maior concentração de coletivos da cultura marginal/periférica em áreas periféricas da cidade de São Paulo. Segundo o Mapa da Desigualdade de 2021 (Rede, 2021),

as áreas periféricas paulistanas são as que apresentam menores índices de remuneração mensal, maior número de pessoas negras e de pessoas jovens. Há o elemento de que a cultura marginal/periférica, desde sua origem, prioriza a apropriação dos espaços das periferias empobrecidas, entretanto, ao ampliarmos esse olhar e considerarmos que se trata de uma cultura praticada, majoritariamente, por pessoas jovens, negras e de classes populares, tal espacialização é melhor entendida.

As zonas leste e sul se destacam em números de coletivos. Dentre possíveis explicações, há o fato da zona sul ser o “berço” da cultura marginal/periférica em São Paulo, com forte presença da cultura Hip Hop no cotidiano das/os jovens. Distritos como Capão Redondo e Campo Limpo, Jardim São Luís e Grajaú possuem grande influência na cena cultural paulistana. Em relação a zona leste, há uma parcela significativa de população jovem. Dos 10 distritos com maior índice de pessoas jovens (Rede, 2021), cinco estão na zona leste: Cidade Tiradentes (48,5%), Iguatemi (48,1%), Lajeado (47,8%), Jardim Helena e Guaianases (46,6%).

Por muitos anos, o centro concentrou não somente as atividades econômicas, mas também culturais das cidades, à exemplo de São Paulo. Inclusive, para a própria cultura Hip Hop nos anos de 1980 e 1990, ocupar o centro de São Paulo possuía um sentido simbólico e contestatório, representava a possibilidade de se fazer visível e resistir, como era o caso das batalhas de rima e de break que ocorriam na Estação São Bento. Com uma espacialização descentralizada, a cultura marginal/periférica não prioriza o centro e as periferias marginalizadas assumem protagonismo. Ainda que o centro não perca totalmente sua importância, há 15 coletivos nessa área, não é ele que determina a cena cultural e juvenil paulistana.

A espacialização da cultura marginal/periférica em São Paulo revela a existência de um circuito cultural e espacial de manifestações, que ainda que sejam explicadas neste texto com base nas zonas geográficas, apresentam uma lógica reticular e não zonal. Ou seja, há manifestações em todas as zonas, maior parte dos distritos, em diferentes dias e horários da semana. Todos os dias acontece algum evento da cultura marginal/periférica em São Paulo. Assim, as pessoas transitam entre eventos, constituindo redes de sociabilidade e, para além disso, de expressão, afirmação e contestação política e social.

As práticas espaciais das/os jovens que participam da cultura marginal/periférica são orientadas pelos eventos promovidos pelos coletivos culturais. Assim, são configuradoras de centralidades, que podem ser classificadas como cambiantes. De acordo com Sposito (2001),



centralidades cambiantes são aquelas que emergem de forma cíclica no espaço urbano e perduram por um momento, enquanto os fixos que atraem os fluxos estiverem em ação. As centralidades cambiantes dos eventos da cultura marginal/periférica possuem duração e dias específicos, mas modificam as dinâmicas que ocorrem nos espaços e influenciam as trajetórias de vida e de espaço das pessoas participantes.

As práticas espaciais das/os jovens que integram a cultura marginal/periférica são insurgentes (Souza, 2013). Segundo Souza (2013), as práticas espaciais insurgentes possuem um sentido e conteúdo político e social oposto às práticas espaciais hegemônicas, elas questionam e visam a transformação da realidade. Desse modo, as práticas espaciais desencadeadas pela cultura marginal/periférica questionam a produção capitalista e desigual do espaço urbano, reivindicando o direito a se apropriar da cidade e ocupar os espaços públicos. Os deslocamentos em busca dos eventos movimentam a juventude, que imprime sua marca pelos espaços. São deslocamentos em busca de lazer, mas também de trabalho, sociabilidade e expressão. As/os jovens da cultura marginal/periférica resistem às barreiras espaciais, em que interagem as dimensões de raça, gênero e sexualidade por exemplo, e realizam negociações constantes.

São práticas espaciais que também se opõem a uma organização racial do espaço geográfico, em que as pessoas negras são entendidas como problemas espaciais (Oliveira, 2020) e impedidas de vivenciar o espaço urbano em sua potencialidade. Daí a importância de entender a cultura marginal/periférica também como uma ferramenta de luta contra as desigualdades sociais e os processos geográficos excludentes, como a segregação socioespacial e a fragmentação socioespacial.

## **A PALAVRA NO CENTRO: CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA MARGINAL/PERIFÉRICA NA LUTA ANTIRRACISTA**

A cultura marginal/periférica foi responsável por ressignificar palavras como “marginal”, “periferia” e “literatura”, mas também foi responsável por tomar a palavra para si. Durante anos a periferia foi estudada pela academia, principalmente pelos estudos urbanos, e retratada pela indústria do entretenimento e pela mídia jornalística sensacionalista. Representações carregadas de estereótipos foram disseminadas e introjetadas no imaginário social popular. A cultura marginal/periférica possibilita que pessoas periféricas falem sobre si e sobre suas histórias, a partir de suas palavras e vivências.



Ao falar a respeito do Sarau da Cooperifa, Sérgio Vaz ressalta a potência da cultura marginal/periférica e da apropriação da palavra:

Essa gente que durante muito tempo foi e é móida dentro dos ônibus lotados ao ir e voltar do trabalho e cuja única dose de lazer e cultura eram as pílulas anestésicas da televisão, agora tinha um dia para comungar a palavra, uma palavra que a gente não tinha e que agora era a nossa voz (VAZ, 2008, p. 114).

Dessa forma, pessoas tidas como comuns, que não possuíam suas trajetórias fortemente ligadas à palavra e a escrita e que não eram consideradas poetas pelos cânones literários, passam a se reconhecer enquanto poetas e escritoras a partir da cultura marginal/periférica. Tal encontro modifica suas histórias de vida, mas também suas espacialidades pelo circuito cultural e espacial existente em São Paulo.

Os eventos da cultura marginal/periférica estimulam múltiplas reflexões. Para aquelas pessoas que fazem parte de contextos marginalizados, participar dos eventos significa compartilhar vivências, dores e vitórias. Para aquelas pessoas que não conhecem as periferias empobrecidas, significa acessar informações de histórias marginalizadas, mas também sentir desconforto em virtude de suas posições de privilégio serem questionadas.

Os temas das produções, geralmente, são sobre discussões sociais contemporâneas, como questão racial, de gênero, sexualidade, problemas sociais, periferia e política. Há também um movimento de incentivo à escritas que falem sobre amor, felicidades e conquistas, entretanto, o caráter político e contestatório prevalece, uma vez que a palavra é a forma de expressão e desabafo, as pessoas poetas utilizam dela para problematizar suas realidades.

Tendo em vista a invisibilização e silenciamento históricos aos quais a população negra foi submetida, a cultura marginal/periférica representa a oportunidade de falar e ser ouvida. Possibilita também nomear opressões por meio da arte e da palavra performada, que tem a chance de atingir inúmeras pessoas que não possuem proximidade com os debates acadêmicos sobre temas como o racismo.

A poesia “Histórias”<sup>2</sup> de Matriarcak é um exemplo de produção que contribui para a luta antirracista e reflexões sobre a questão racial no Brasil. Matriarcak é escritora, poeta, assistente de direção e slammaster paulistana, nascida e criada na zona norte de São Paulo. Foi bicampeã do Slam SP, campeonato de slam do estado de São Paulo. Suas poesias são críticas e reflexivas, versando sobre temas como racismo, desigualdade de gênero e vivências

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1RBNHx3gfI4&t=40s>>.





na periferia. A poeta produz retratos das desigualdades sociais que permeiam a história do Brasil.

### **Histórias – Matriarcak**

Nana neném  
que a bala vem pegar  
de farda e coturno é a Polícia Militar  
Homem armado em cima do telhado  
que mata gente preta com o aval do Estado  
Tem história  
que não se repete  
mas eu tô cheia delas pra contar  
tem coisa que só sentindo na pele  
porque se eu falar não dá para acreditar  
Outro dia houve uns tiros no morro  
saí na rua sem entender nada  
logo em seguida o grito da mãe  
mais uma criança assassinada  
Era assalto, mas não tinha faca  
não tinha fuzil, não portava pistola  
mas por trás da camisa furada  
só tinha a mochila com os livros da escola  
E de um lado os homens de farda  
que se orgulhavam e batiam no peito  
Do outro lado mais uma mãe calada  
que enterra seu filho com um tiro no peito  
Aqui não existe respeito  
e não é o estado quem dá o suporte  
mas, pra quem tem esse privilégio  
mata preto e criança por esporte  
Tem história que não se repete  
mas eu tô cheia delas pra contar  
tem coisa que só sentindo na pele

então foda-se se cês vão acreditar  
Outro dia houve uns tiros no morro  
saí na rua sem entender nada  
logo em seguida o grito da mãe  
mais uma criança é assassinada  
O Estado é racista e mata  
e a maioria é gente inocente  
No jornal eles não falam nada  
e a polícia diz que é acidente  
O acidente eu chamo de chacina  
mas se perguntar pra eles ninguém viu  
Sejam bem-vindos ao circo dos horrores  
e esse espetáculo  
é no Brasil

Tem história que, sim, se repete  
e infelizmente alguém tem que contar  
mas pra alguns talvez só seja realidade se...  
mostrar na tua 4K

Outro dia houve uns tiros no morro  
saí na rua, já entendi tudo  
logo em seguida o grito da mãe  
era mais uma família de luto  
Cês perceberam que é a mesma história  
mas só com as carta preta do baralho  
os menor com certidão de óbito  
bem antes da carteira de trabalho  
Era assalto, mas não tinha faca  
não tinha fuzil, não portava pistola  
Como é que eu vou gritar “Favela vive!”  
se todo dia eu sei que ela chora.

A poesia “Histórias” retrata vivências periféricas, empobrecidas e marcadas pelo racismo estrutural. Matriarcak critica a ação da polícia e do Estado contra a população periférica. As periferias empobrecidas e favelas são duramente atingidas pela gestão racista do espaço (Oliveira, 2015) e pelas necropolíticas (Mbembe, 2011). Segundo o Atlas da Violência de 2021, a violência é a principal causa da morte de jovens. Tal violência está relacionada ao crime organizado, porém não somente, sendo justamente o que é apontado por Matriarcak, as mortes também são resultado da ação do Estado, que em muitas situações mata inocentes em ofensivas violentas nas favelas e periferias empobrecidas.

Embora situações como a retratada na poesia sejam comuns, como salientado pela poeta elas não são amplamente veiculadas na mídia. São em sua maioria jovens negros, que continuam a serem alvos da invisibilização, até em sua morte. Embora tais notícias não sejam pautadas nos meios de comunicação e debatidas nos espaços de decisão, Matriarck destaca: “[...] infelizmente alguém tem que contar [...]”, são poetas como ela que estão atribuindo visibilidade a vozes marginalizadas, não somente em espaços da periferia, mas também em espaços do centro: teatro, bibliotecas e casas de cultura. A cultura marginal/periférica tem demarcado, cada vez mais, sua relevância e potência nos debates contemporâneos, assim como na luta antirracista.

Segundo Ribeiro (2019) ao reconhecer o racismo estrutural, o tema sai da invisibilidade e a luta antirracista é potencializada. A cultura marginal/periférica pauta as vivências periféricas e marginalizadas, questiona o elitismo da cultura brasileira e da literatura, valoriza os conhecimentos não-hegemônicos e eleva pessoas ao status de artista. Pessoas negras, maioria nesse movimento, tem a possibilidade de escreverem suas histórias com suas próprias palavras, demonstrando que seus conhecimentos importam e precisam ser ouvidos.

Os corpos negros que participam da cultura marginal/periférica se apropriam de diferentes espaços, demonstram sua (re)existência na cidade e questionam a urbanização racista que os segrega em áreas marginalizadas. Portanto, o movimento de expressão e contestação não modifica apenas as trajetórias de vida e de espaço dessas pessoas, mas também questiona a estruturação do espaço urbano e a organização social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cultura marginal/periférica possibilita expressão, afirmação, sociabilidade, lazer e reflexão crítica. A integração do Hip Hop (batalhas de rima) e da literatura marginal (slams e saraus) permite ampliar o alcance do movimento e coloca a palavra no centro. Trata-se da periferia falando sobre uma posição socioespacial compartilhada, que implica em vivências marcadas pela resistência às exclusões sociais. Nesse sentido, a periferia é valorizada e as pessoas se afirmam enquanto poetas, escritoras e produtoras culturais.

Tais manifestações culturais tem as periferias empobrecidas como seus principais lócus, mas se espacializam por todo o espaço urbano de São Paulo, como representado nos mapas de espacialização. Em seus mais de 30 anos de existência na capital paulista, a cultura

marginal/periférica constitui um circuito espacial e cultural, que liga diferentes áreas da cidade por meio dos eventos e práticas espaciais das/os sujeitas/os adeptas/os. Seguindo uma lógica reticular desencadeada pelos coletivos, as práticas espaciais são contestatórias da organização do espaço urbano, marcada por processos geográficos como segregação e fragmentação socioespacial.

Dessa forma, a resistência das pessoas periféricas da cultura marginal/periférica, sobretudo jovens e negras, ocorre por meio da palavra, do corpo e da espacialidade. O movimento continua crescendo em termos de adeptas/os e visibilidade, inclusive uma das ações tem sido a realização de oficinas de poesia e rap em escolas, a fim de demonstrar o potencial educativo das batalhas de rima, slams e saraus, e a importância da juventude continuar participando e fomentando esses espaços.

Na luta antirracista, a cultura marginal/periférica permite que pessoas negras criem redes de sociabilidade entre si, compartilhem vivências, se engajem e se expressem. Os eventos são espaços de partilha e aprendizado, em que pessoas negras podem falar e serem ouvidas, entendendo que seus conhecimentos não serão julgados e questionados naquele espaço, mas sim celebrados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?**, Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, J. A. Topografias da violência: necropoder e governamentalidade espacial em São Paulo. **Revista do Departamento de Geografia - USP**, São Paulo, v. 22, p. 108-134, 2011.

BORGES, T. **Periferias de SP são mais negras, mais jovens e vivem menos que no restante da cidade**. 2022. Disponível em:  
<<https://periferiaemmovimento.com.br/mapadadesigualdade112022/>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BORTOLOZZO, G. **Espaço em movimento**: as práticas poéticas-políticas-sociais dos Slams mobilizando representações e paradoxos espaciais. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidades de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

DALCASTAGNÈ, R. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberic@I**, Paris, n. 2, set./dez. 2012.



DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

D'ALVA, R. E. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

D'ANDREA, T.P. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2021**. Brasília: IPEA/FBSP, 2021.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (org.). **La juventude es más que una palabra: ensaios sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

MBEMBE, A. Necropolítica. In: \_\_\_\_\_. **Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto**. Espanha: Melusina, p. 17-75, 2011.

NASCIMENTO, E. P. Por uma interpretação socioantropológica da nova literatura marginal. **Plural**, São Paulo, n. 12, p. 21-46, 2005.

NASCIMENTO, E. P. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. 213 f. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, D. A. Gestão racista e necropolítica do espaço urbano: apontamento teórico e político sobre o genocídio da juventude negra na cidade do Rio de Janeiro. In: COPENE Sudeste, 1, 2015, Nova Iguaçu. **Anais [...]**. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015. p. 1-15.

OLIVEIRA, D. A. A questão racial brasileira: apontamentos teóricos para compreensão do genocídio negro. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 73-98, set./nov. 2020.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOMERS-WILLET, S. B. A. **The Cultural Politics of Slam Poetry: Race, Identity and The Performance of Popular Verse in America**. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.

SOUZA, M.L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSATI, A. **Cidade em pedaços**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: [s.e.], 2001.

XV  
ENAN  
PEGE

ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA EM GEOGRAFIA



TENNINA, L. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

VAZ, S. **Cooperifa**: antropofagia periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.